



QUANTO TEMPO MAIS FICARIA SEM ENTENDER?

Observei Geovane sentado na areia da praia a uma distância da qual ele não podia me ver. Muito mais bonito do que eu gostaria que ele fosse, fitava o mar, com seus cabelos semigrisalhos sendo bagunçados pelo vento.

Eu odiava brigar com ele. Não só pelo fato de este ser meu único porto seguro, mas também porque sempre falava palavras cujo significado eu nem sabia, muito menos o que significavam para ele. As palavras sempre tinham um sentido diferente para ele.

Embora fôssemos muito parecidos, a lacuna de 16 anos entre nossas idades ocasionava colisões entre nossas personalidades – nem tão distintas assim. Colisões bobas que minha estupidez transformava em desastres. Sentei-me ao seu lado, calada (essa era a minha forma ridiculamente orgulhosa de pedir desculpas), e ele me abraçou, assentindo-as também silenciosamente, mas não havia orgulho no seu silêncio, havia compreensão. Geovane era mesmo admirável.

Admirável por sua paciência, seu entendimento, pela forma como me entendia. Mentalmente me questionei quantas vezes ele já havia me perdoado: inúmeras. Decidi perguntar o porquê. “Porque eu já tive sua idade”, ele me disse. “Já fui impaciente, confuso, e já machuquei pessoas que eu amava. Entendo que as coisas não estejam claras para você, mas, por favor, tome mais cuidado, pequena.”

Agarrei-me ao seu corpo, querendo drenar um pouco daquela maturidade. Quanto tempo mais seria necessário para que eu pudesse adquiri-la? Provavelmente anos.

Enquanto isso, Geovane respirava; seu corpo quente, calmo. Sua mente estava cheia de pensamentos que eu até poderia decifrar, mas não os entender.